

BRASIL COLÔNIA: Herdeiro Histórico e Cultural Do Medievo Cristão

Vagner Neto Ribeiro*

RESUMO: O presente artigo aborda a formação do Brasil em seus primeiros momentos, dando ênfase à Ordem de Cristo, sucessora da Ordem dos Cavaleiros do Templo em terras lusitanas e à atividade docente da Companhia de Jesus, desde suas origens na Europa até sua chegada à América. A pesquisa é do tipo qualitativa, tendo por metodologia a revisão de literatura, seu objetivo é ressaltar o nexos entre raízes históricas e culturais do Brasil e a cristandade medieval europeia. Nos resultados conclui-se que o Brasil Colônia é um dos frutos tardios da Reconquista; tanto por seu descobrimento, o qual remonta aos templários e as Cruzadas por meio da Ordem de Cristo; quanto por sua formação cultural e intelectual, devido à ação das ordens religiosas e à preponderância dos jesuítas, cuja atividade docente iniciada na Renascença é a coroação da prática pedagógica da Idade Média, marcada por uma forte presença do tomismo e a herança dos clássicos greco-romanos, mas também a par das inovações científicas da época. Conclui-se que devido o espírito do tempo – permeado pela secularização – não foi possível um desenvolvimento pleno de tais elementos no Novo Mundo.

Palavras-chave: Idade Média, Templários, Jesuítas, Brasil Colônia, América, Europa.

ABSTRACT: This article addresses the formation of Brazil in its early stages, emphasizing the Order of Christ, successor to the Order of Knights of the Temple in Portuguese lands and the teaching activity of the Society of Jesus, from its origins in Europe to its arrival in America. The research is of a qualitative type, having as methodology the literature review, its objective is to highlight the connection between the historical and cultural roots of Brazil and medieval European Christianity. The results conclude that Brazil Colony is one of the late fruits of the Reconquista; so much for its discovery, which goes back to the Templars and the Crusades through the Order of Christ; as for its cultural and intellectual formation, due to the action of the religious orders and the preponderance of the Jesuits, whose teaching activity started in the Renaissance is the crowning of the pedagogical practice of the Middle Ages, marked by a strong presence of Thomism and the heritage of the Greek and Roman classics, but also abreast of the scientific innovations of the time. It is concluded that due to the spirit of time – permeated by secularization – it was not possible to fully develop such elements in the New World.

Keywords: Middle Ages, Templars, Jesuits, Brazil Colony, America, Europe.

* E-mail: netoribeirovagner@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo faz uma análise bibliográfica e histórica, tanto de artigos publicados em periódicos bem como em livros de história que abordam temas correlatos.

O tema proposto é o da formação histórica e cultural do Brasil, enfatizando o período colonial bem como procura explicitar as relações de tal período histórico americano com o período medieval europeu, destacando os temas da religião e da educação trasladados do Velho para o Novo Mundo.

Na primeira seção é abordada a temática da Igreja como salvaguarda da cultura ocidental, bem como sua intensa atividade de preservação e difusão dos autores clássicos, além da sua atividade docente. Na segunda seção, são abordadas as Cruzadas, a Reconquista da península ibérica e suas implicações nas Grandes Navegações e a consequente descoberta e colonização das Américas. Na terceira parte é abordada a pedagogia jesuítica, por esta ser a ordem que conservou e aprimorou o saber e o ensino cristãos medievais bem como a sua transmissão em seus centros de instrução na colônia.

2. A IGREJA MEDIEVAL E O ENSINO

A suposta pouca erudição da cristandade na Idade Média não se deve a hipotéticas restrições de cunho religioso, como se a fé medieval fosse um obstáculo à instrução e às ciências; pois como deixa claro um homem deste tempo, São Bernardo de Claraval, “não convém que a Esposa do Verbo seja estúpida” (DANIEL ROPS, 1993, p.: 118).

As limitações das ciências e do próprio ensino em tal período são próprias do tempo, e analisá-las sob a ótica da nossa época, com todas as suas facilidades de acesso à informação, e sem ter o contexto histórico em mente é de um anacronismo não só apressado e pueril, mas também desonesto, pois são vários os clérigos que fizeram uma apologia da instrução pública a partir do séc.: VI, mesmo diante da adversidade dos tempos, e esta aconteceu mesmo com alguma ressalva e a maioria dos professores era sacerdotal, sendo fato notável o concílio de Latrão ter entre seus cânones a ordem da abertura de escolas e a instrução pública gratuita aos mais pobres (ibidem, 1993, p.: 340).

Entre os séculos IV e VI houve a queda do Império Romano diante das intrigas internas, desequilíbrios econômicos e as invasões bárbaras. Os elementos

civilizatórios romanos, como o direito, a literatura e as humanidades começaram a ser menosprezados e deixados de lado diante da imposição de um modo de vida brutal e permeado pelas superstições oriundas do paganismo. Mesmo com a conversão de Clóvis (466–511) ao cristianismo e o início da dinastia merovíngia, a situação não se alterou significativamente neste quadro de obscurantismo e barbárie (DANIEL-ROPS, 1991, p.: 253-257).

Tal quadro só começou a se alterar quando o imperador Carlos Magno (742–814), após uma estadia na Itália, compreendeu a necessidade do cultivo da literatura e das ciências. Os melhores quadros da intelectualidade e do ensino deste período majoritariamente pertenciam ao clero, tanto que na Renascença Carolíngia no séc.: VIII d.C. o imperador ordenou a criação de centros de ensino, cujas cátedras foram ocupadas principalmente por monges e padres, sendo o monge irlandês Alcuíno (735–804) o precursor intelectual deste movimento.

As escolas fundadas em tal período são divididas em três tipos: monacais (ligadas aos mosteiros, e tendo uma *schola interior* para os religiosos e uma *schola exterior* para os leigos), catedrais (anexas às sedes episcopais e igualmente divididas entre leigos e religiosos) e palatinas (abertas nas cortes e dirigidas por clérigos, sendo voltadas à instrução de leigos e religiosos), sendo o método de ensino mais usado a *lectio* (FRANCA, 1969, p.: 88-89). A presença cristã neste momento de ressurgimento das ciências e do ensino no ocidente é notável e natural, pois

A Igreja viu-se obrigada a intervir, mais sistematicamente do que nas épocas precedentes, em tudo o que constituía as bases da civilização. É verdade que, muito antes de Carlos Magno, já ela se interessara - sozinha - pelos problemas sociais e pelo ensino. Mas agora passou a haver uma compenetração oficial, uma aliança íntima entre as autoridades eclesásticas e as civis. Foi à Igreja que o governo imperial confiou a obrigação cristã - que Carlos Magno levava muito a sério - de socorrer os miseráveis, os enfermos e as crianças abandonadas; como a quarta parte dos dízimos era aplicada nestas obras, o conseqüente enriquecimento dos institutos religiosos com abundantes donativos alimentou, na prática, um verdadeiro e poderoso fundo de assistência social.

Da mesma maneira, o ensino foi literalmente deixado a cargo da Igreja. Se Carlos Magno realizou uma reforma escolar que devia assumir uma importância decisiva, foi porque não queria que o seu clero continuasse ignorante, e foi também aos próprios padres e monges que confiou essa reforma. A partir daí, o clero tornou-se sistematicamente pedagogo. Os simples curas de aldeia receberam ordem de dar aulas às crianças. As grandes abadias e as catedrais tiveram todas, ao seu lado, escolas que nós chamaríamos "secundárias" e "superiores"; nas primeiras, ensinavam-se os três conhecimentos primordiais: a gramática, a retórica e a dialética, o chamado *trivium*; nas outras, ministrava-se o *quadrivium*, a alta cultura: aritmética, geometria, música e astronomia. Algumas destas escolas alcançaram um renome verdadeiramente europeu, como as de Corbia, de Saint-Wandrille, de Aniana, de Fulda e, acima de todas, a de São Martinho

de Tours, bem como a *Escola palatina* de Aix-la-Chapelle, viveiro de altos prelados e de grandes funcionários, cujos cursos Carlos Magno e os filhos gostavam de seguir, e onde lecionavam os melhores espíritos do tempo. (DANIEL-ROPS, 1991, p.: 426) grifos do autor.

Embora todo o currículo do ensino medieval, por assim dizer, gire em torno do *trivium* e do *quadrivium*, estes remontam ao Império Romano e às escolas de retórica do sec.: V d.C. que tinham como expoentes Macróbio, Marciano Capela, Severino Boécio, Cassiodoro e outros. Tais conteúdos foram preservados na Irlanda durante as invasões germânicas e conservaram o humanismo clássico adaptando-o às necessidades eclesiásticas e à cultura monástica, e assim puderam ser difundidos pela Europa continental (DAWSON, 2014, p.: 337-338).

Outro fator a ser relevado é o livro, pois este, um dos instrumentos básicos para a conservação e transmissão do conhecimento, era todo feito a mão pelos monges copistas em seus claustros. A Imprensa de Gutemberg, que permitiu a produção de livros em massa em um período de tempo menor e mais baratos, só surgiria no século XV (HARFORD, 2021). Antes disto, é importante salientar que

No seu esforço de salvaguarda intelectual, o que a Igreja ensinou em primeiro lugar à humanidade foi o respeito pelo livro. Amava-se, venerava-se e rodeava-se de zelosos cuidados esse pesado caderno de pergaminho que continha a palavra de Deus ou de um dos seus fiéis, e que, aliás, era raro e custava caro: uma biblioteca de 900 manuscritos era considerada imensa e causava espanto. “Morre desonrado quem não ama os livros”, dizia um provérbio; e “um claustro sem livros é um castelo sem arsenal”, dizia São Bernardo. As preciosas obras andavam de convento em convento, para que pudessem ser copiadas, e, no período negro das invasões normandas, a perda das bibliotecas era um dos desastres mais cruelmente sentidos. A imagem do monge copista, debruçado sobre a sua escrivaninha ao longo de toda a jornada, caligrafando ou iluminando as páginas de um Evangelho ou um Saltério, é uma daquelas que se fixam em todas as memórias. Essas multidões de anônimos a quem devemos o conhecimento que temos de Boécio, Santo Agostinho, São Jerônimo, como também de Virgílio, Terêncio, Ovídio e Horácio - esses escribas de Deus, graças aos quais a inteligência humana conservou o contacto com o seu passado [...] (DANIEL-ROPS, 1993, p.: 339)

A organização do ensino feita na Renascença Carolíngia não sofreu grandes alterações com o passar do tempo, mesmo após seu crepúsculo. Em um primeiro momento se destacaram as escolas monacais, depois foram ofuscadas pelas escolas catedrais e estas já tinham uma estrutura de ensino em que o *trivium* corresponderia ao ensino primário (correspondente ao nosso fundamental) e o *quadrivium* ao ensino secundário (equivalente ao ensino médio) com alguns aspectos de nível superior. O paradigma da época era o teológico, então todo o ensino girava entorno de Deus, da

Revelação, da exegese e também a lógica e a filosofia, e também havia letramento e até mesmo alguma introdução à literatura.

Existiam escolas que eram financiadas pela própria Igreja, outras pelos senhores feudais e também acontecia de aldeões se unirem e pagarem um professor para seus filhos, sendo que geralmente tal soldo era feito em produtos do campo. Obviamente não havia papel e lápis, os alunos escreviam em tábuas de argila com estiletes, e os professores usavam telas de couro como quadro. O uso do pergaminho se dava nas universidades, que surgiram a partir das escolas catedrais por volta dos sécs.: XII e XIII. O nível superior dividia-se em quatro faculdades: Teologia, Direito, Medicina e Artes; sendo que o método de ensino possuía três elementos: a *lectio* (recurso ao texto), a *quaestio* (comentário ao texto) e a *disputatio* (discussão sobre o tema proposto entre mestres e alunos), havendo também uma extensão desta última, chamada *quodlibet*, que consistia em discussões livres (ibidem, 1993, p.: 340-351).

3 – CRUZADAS, RECONQUISTA E AS GRANDES NAVEGAÇÕES

Segundo Daniel-Rops (1993), os principais marcos da Idade Média são as Catedrais, sob as quais ressurgiu o sistema de ensino formal e também o berço das universidades; e as Cruzadas. As Cruzadas (1096–1272), foram uma série de eventos que marcaram história ocidental, sendo caracterizadas pelas incursões militares cristãs que tinham em vista em um primeiro momento possibilitar uma peregrinação segura à Terra Santa, nomeadamente à Jerusalém – a qual foi subjugada pelo islã em 637 d.C – mas que logo converteu-se em guerras pela retomada de territórios que foram arrebatados da cristandade por volta do século VII.

Tradicionalmente divididas em oito, as Cruzadas tem por características a espontaneidade com que o apelo foi atendido pelos fiéis, de plebeus aos nobres, uma mistura de peregrinação e penitência, mas também de heroísmo, redenção, nobreza e abnegação que caracterizaram o ideal da cavalaria, mas também foram manchadas pelas paixões humanas; sendo que neste contexto surgem as ordens de cavalaria, uma mistura de militarismo e monaquismo que temos presentes nas ordens de cavaleiros Templários, Hospitalários, Teutônicos, além de outras.

Um dos principais resultados das Cruzadas foi a Reconquista (718–1492), na qual a península Ibérica – que estava sob o domínio mulçumano desde 713 d.C. – foi retomada pela cristandade. Portugal, junto com a Espanha, é um dos reinos resultantes da Reconquista, as ordens de Cavalaria, principalmente os Hospitalários

e os Templários, participaram ativamente de tal processo (LUIZ DA SILVA, 2003, p.: 38).

Após as Cruzadas, a cavalaria gradualmente foi perdendo a relevância militar, porém os templários possuíam uma importância econômica considerável, uma vez que muitos reinos europeus eram devedores à esta Ordem; e tal relevância econômica, ao que tudo indica, foi uma das causas de sua ruína. Quando a Ordem dos Templários foi dizimada e extinta sob o pontificado de Clemente V sob influência de Felipe IV da França, cognominado O Belo; Portugal foi um dos únicos reinos europeus que se negaram a suprimir os cavaleiros, e nem expatriou as posses dos templários aos hospitalários. Sob a tutela de Dom Diniz I, passaram subsistir neste reino sob o nome de Ordem de Cristo, a qual herdou todas as posses e direitos da extinta Ordem do Templo em terras lusitanas (DANIEL-ROPS, 1993, p.: 641).

Após a desilusão com as Cruzadas, a Cristandade não arrefecera seus ímpetos evangelizadores, sob a inspiração do exemplo das Ordens Mendicantes, sobretudo de São Francisco de Assis e Raimundo Lúlio, os cristãos se dispuseram a outra empreitada – a Missão, e esta caracteriza-se por peregrinações com o objetivo de pregar o evangelho a todos os povos (ibidem).

Desta surge o ímpeto da expansão marítima para além das terras conhecidas do Velho Mundo, nas quais a cristandade terá como protagonistas os reinos português e espanhol, sendo que do lado lusitano foi a Ordem de Cristo, com a Cruz vermelha ostentada nas velas das embarcações, que se lançou nesta obra iniciada pelo Infante Dom Henrique de Avis (1394–1460), no episódio da história da humanidade que ficou conhecido como Grandes Navegações - ou Era dos Descobrimentos - ocorridas entre os séculos XV e XVI d.C (BOXER, 2007, p.: 07).

4. OS JESUITAS E O ENSINO COLONIAL

Portugal foi um dos últimos reinos europeus a deixar os paradigmas culturais medievais e cristãos, tendo passado por um período chamado de Segunda Escolástica, enquanto o restante da Europa entrava no Renascimento Greco-romano (sec.: XV), na Modernidade (séc.: XVI–XVII) e no Iluminismo (séc.: XVII–XVIII). A Segunda Escolástica portuguesa compreende os sécs.: XVI ao XVIII, na qual um dos principais nomes é o jesuíta Francisco Suarez (1548–1617), se passa no contexto da Contra Reforma e do Concílio de Trento (1545–1563) no qual a catolicidade se contrapõem ao protestantismo (PAIM, 2007, p.: 10-15).

O reino português estava intrinsecamente ligado à Santa Sé pelo Padroado; assim permanecendo até as Reformas Pombalinas (1750–1777), as quais sob o pretexto de promover o progresso material e científico introduziram o Iluminismo no reino e suas colônias. O Marquês de Pombal promoveu uma série de mudanças para se desembaraçar principalmente da cosmovisão medieval para assim abraçar o chamado Despotismo Esclarecido. Um dos principais eventos das reformas foi a expulsão dos jesuítas efetuada no reinado de Dom José I, no ano de 1759; pois os jesuítas estavam mais subordinados à Roma que à Lisboa, e estes eram os responsáveis pela formação intelectual portuguesa neste período. Os jesuítas, que já se achavam em uma contenda com os oratorianos na questão do *regalismo*, em um primeiro momento foram substituídos por estes na atividade docente, pois eram partidários do direito dos reis, mas que depois também foram perseguidos pelo Estado, e até mesmo pelo Marquês de Pombal (FÉRRER, 1998).

Santo Inácio de Loyola (1491–1556) e os membros fundadores da Companhia de Jesus tiveram por *Alma Mater* a Universidade de Paris, onde predominava o ensino clássico e onde ocorreu a restauração do tomismo, além de sua síntese com o humanismo renascentista, e o *modus parisienses* de ensino será uma das marcas da pedagogia jesuítica (FRANCA, 1952, p.: 28-36). Tal *modus* caracteriza-se pela graduação dos níveis de ensino e da aprendizagem e a ordem das matérias das simples para as complexas aliadas à atividade individual e permanente do aluno (ROSA, 2016).

Outras ordens já haviam se envolvido com a atividade docente, como os dominicanos, franciscanos e outros. Porém, em tal período, como os métodos de ensino de alguns destes apresentavam certa inflexibilidade, com os jesuítas

Surgiria um sistema pedagógico novo, que, tendo em conta a corrente da época, daria às línguas antigas um lugar de preferência nos estudos; ao mesmo tempo, sem deixar de permanecer firme na disciplina e na moral, empregaria uma técnica de encorajamento e de prêmios para despertar a emulação entre os alunos, e não descuidaria da higiene nem dos exercícios físicos: era, sem dúvida, um método destinado a ter um êxito muito maior que o dos rebarbativos estabelecimentos da época [...] A finalidade dessa pedagogia era dupla: preparar sacerdotes para as suas missões sacerdotais e formar cristãos sólidos no meio em que vivessem.” (DANIEL-ROPS, 1999, p.: 64-65)

As instituições de ensino dos jesuítas tinham como documento norteador a chamada *Ratio Studiorum*, desenvolvida pela experiência comum dos jesuítas e pela

ordenação dos principais representantes da ordem, como o próprio Santo Inácio, entre outros. Sobre tal documento, é importante salientar que

[...] a palavra *Ratio* é entendida como sinónimo de "Ordo", um conjunto de regras ordenadas segundo um determinado projeto educativo. Nessa perspectiva, a *Ratio* mais do que um conjunto de princípios teóricos, pode ser considerada um verdadeiro sistema de ensino/aprendizagem. Não sendo um tratado, mas um programa de "conteúdo", o *Ratio* adquiriu um caráter prático que possibilitava, a todos os encarregados da instrução, o caminho mais indicado para atingirem os seus objetivos.

Qualquer que fosse o curso a seguir, o programa de estudos da *Ratio* combinava os estudos das humanidades com os estudos científicos. Assim, se deveriam formar homens que soubessem pensar e escrever; com elevados conhecimentos de literatura, de história, de geografia e de artes; com um profundo entendimento de matemática, de astronomia e as restantes ciências naturais; com desenvolvido sentido crítico, apurado pela retórica e pela filosofia: homens preparados para intervir em nome do bem comum, isto é, formados numa educação que reconhece a utilidade social da retórica.

Uma sólida instrução literária era vista como um contributo indispensável para a educação do homem de bem. A todos os professores, a *Ratio* tornava presente que a principal finalidade dos estudos era o maior "serviço" e que todos os ensinamentos deveriam concorrer para esse fim, unir a "virtude às letras". (ROSA, 2016), grifos da autora.

Embora a Companhia de Jesus não tenha sido criada tendo em vista o combate contra o protestantismo, nem tenha se envolvido no combate de modo tão incisivo em um primeiro momento como outras ordens o fizeram, não demorou muito para que se tornasse o baluarte da catolicidade, e uma das principais armas da Companhia era a educação, que teve seu valor percebido rapidamente pelo próprio fundador e o sucesso jesuíta em tal área foi tão grande nesta época que seu predomínio beirou o monopólio, e o renome alcançado por seus centros de ensino fez com que até mesmo protestantes estudassem nestes (DANIEL-ROPS, 1999, p.: 64-65).

Os jesuítas fundaram vários colégios em todo mundo, e vários aqui no Brasil, como o Colégio da Baía (1553) Colégio dos Meninos de Jesus, de São Vicente (1553), Colégio do Espírito Santo (1555), Colégio de Porto Seguro (1552), além do Colégio de Piratininga, em 1550, quando o padre Leonardo Nunes começou nos Campos de Piratininga, a ensinar a falar português, a ler e escrever, passando, em 1554, para São Paulo de Piratininga (LACOUTURE *apud* MESQUIDA, 2013),

Para o Brasil vieram as principais ordens religiosas (Jesuítas, Beneditinos, Franciscanos, Carmelitas etc.), sendo que os jesuítas tornaram-se a mais importante, sobretudo, porque desenvolviam atividade produtiva, compreendendo fazendas e engenhos de açúcar, o que lhes facultou recursos expressivos.¹ Em 1759, quando foram expulsos do país, mantinham 17 instituições de ensino, afora escolas para meninos e outros colégios. Na maioria daquelas instituições, o curso chegava tão somente ao que correspondia ao antigo ensino médio de tipo clássico (sistema liceal na tradição portuguesa). Apenas nos colégios da Bahia e do Rio de Janeiro ministrava-se o curso de Artes, obrigatório na Universidade de Coimbra para

os que iriam ingressar nos cursos superiores especializados, que podiam ser freqüentados por quem não se destinava às carreiras eclesiásticas. Para estes últimos existiam cursos superiores de Teologia e Ciências Sagradas, tanto no Colégio Central da Bahia como nos seminários maiores. (PAIM, 1998, p.: 05)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, as Américas foram descobertas pelos ibéricos, e estes foram os últimos a conservar os elementos culturais medievais. Claro que a colonização não ocorreu do mesmo modo nas Américas, sendo que no Norte houve a predominância de ingleses, franceses e espanhóis, hegemonia de espanhóis na América central e Caribe e espanhóis e portugueses na América do sul, sendo que por tais fatores houve a prevalência do protestantismo na América do norte e do catolicismo no restante do continente.

Por ter sido descoberto e colonizado através das embarcações da Ordem de Cristo, sucessora da Ordem do Templo; e por ter como um dos seus principais promotores não só da civilização, mas também da cristianização a Companhia de Jesus, moldada em seu princípio pelo pensamento aristotélico-tomista na Universidade de Paris, tendo conservado e aprimorado ensino medieval com os melhores elementos dos novos tempos; faz com que o Brasil – sobretudo o colonial, mesmo com suas peculiaridades - seja um dos herdeiros diretos do medievo cristão, tanto em um aspecto histórico quanto também cultural e educacional.

Os templários foram extirpados provavelmente por questões de ordem econômica, seus herdeiros da Ordem de Cristo, mesmo ganhando uma sobrevida, não escaparam às consequências da secularização. Os jesuítas, também tiveram uma sorte semelhante, por se submeterem à Igreja mais que ao Estado, além de sua crescente influência junto aos poderosos somada a sua predominância na formação das novas gerações, e de outras questões controversas, sejam estas morais, econômicas ou políticas. Assim, por influência dos tempos, houve a secularização na península ibérica e conseqüentemente em suas colônias, mesmo que a planta recém-enxertada não tenha tido a chance de florescer e frutificar.

REFERÊNCIAS:

BOXER, Charles R. A Igreja Militante e a Expansão Ibérica: 1440-1770. Tradução de Vera Maria Pereira. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2007.

DANIEL-ROPS. A Igreja dos Tempos Bárbaros. Tradução de Emérico da Gama. São Paulo: **Quadrante**, 1991.

_____. A Igreja das Catedrais e das Cruzadas. Tradução de Emérico da Gama. São Paulo: **Quadrante**, 1993.

_____. A Igreja da Renascença e das Reformas II - A Reforma Católica. Tradução de Emérico da Gama. São Paulo: **Quadrante**, 1999.

DAWSON, Christopher. A Formação da Cristandade: Das Origens na Tradição Judaico-Cristã à Ascensão e Queda da Unidade Medieval. Tradução de Marcia Xavier de Brito. São Paulo: **É Realizações**, 2014.

FÉRRER, Francisco Adegildo. Pombal e os Oratorianos. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, ano CXII, Páginas 231 – 243. 1998. Disponível em <<https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAnoHTML/1998Indice.html>> Acesso em 04/07/2021 às 17:00.

FRANCA, Leonel. O Método Pedagógico dos Jesuítas: O Ratio Studiorum. Rio de Janeiro: **Agir**, 1952.

_____. Noções de História da Filosofia. 20ª Edição. Rio de Janeiro: **Agir**, 1969.

HARFORD, Tim. Por que a invenção da imprensa por Gutenberg o levou à ruína. **BBC**. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-54800478>> Acesso em 04/07/2021 às 22:20.

LUIZ DA SILVA, Ademir. **Os Cavaleiros Da Cruz Vermelha: A Ordem dos Templários na Reconquista e Expansão Urbana Portuguesa (séculos XII e XIII)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 172 páginas, 2003. Disponível em <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/SILVA___Ademir_Luiz_da._2003.pdf> Acesso em 03/07/2021 às 19:27.

MESQUIDA, Peri. Catequizadores de índios, educadores de colonos, Soldados de Cristo: formação de professores e ação pedagógica dos jesuítas no Brasil, de 1549 a 1759, à luz do Ratio Studiorum. **Educar em Revista** [online]. 2013, n. 48 [Acessado 12 Julho 2021], pp. 235-249. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40602013000200014>>. Epub 22 Jul 2013. ISSN 1984-0411. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602013000200014>.

PAIM, Antônio. Etapas Iniciais da Filosofia Brasileira: Estudos complementares à História das Idéias Filosóficas no Brasil Volume III. Londrina: **Editores UEL**, 1998.

_____. História da Idéias Filosóficas no Brasil Volume II: As Correntes. 6ª
Edição. Londrina: **Edições Humanidades**, 2007.

ROSA, Teresa Maria Rodrigues da Fonseca. O ENSINO E A CIÊNCIA NAS
INSTITUIÇÕES INACIANAS DO MUNDO LUSO DE SETECENTOS. **Educação em
Revista** [online]. 2016, v. 32, n. 3 [Acessado 13 Julho 2021] , pp. 19-46. Disponível
em: <<https://doi.org/10.1590/0102-4698153607>>. ISSN 1982-6621.
<https://doi.org/10.1590/0102-4698153607>.